

## Tom Zé diverte a platéia com seu *chamegá*

Na estréia do show do disco *Jogos de Armar*, em São Paulo, o mais tropicalista dos t um *happening*, no qual funde vários tipos de dança populares ao som dos mais inusit

### Carlos Calado

Tom Zé não deixaria por menos. No show de lançamento do CD *Jogos de Armar* 30s 4 noite, no DirecTV Music Hall, em São Paulo, o irreverente compositor e cantor baiano surpreendeu e divertiu a platéia do começo ao fim. Muita gente não entendeu quando ele e sua banda surgiram no palco, antes mesmo que as portas da platéia fossem fechadas, que as luzes se apagassem e o costumeiro vídeo com as normas de segurança surgisse nos telões. Quem já conhecia o novo disco percebeu logo que a aparente maluquice tinha total sentido. Afinal, tratava-se de *Passagem de Som*, a divertida faixa de abertura. Que momento melhor haveria para mostrá-la, se não antes que o show propriamente dito começasse?

O palco mais parecia uma serralheria, com grandes armações e cavaletes de madeira sustentando esmeris, batedeiras, aspiradores de pó e liquidificadores, transformados em bizarros instrumentos musicais. Em alguns números, como a nova versão da conhecida *Jimi Renda-se*, essa parafernália parecia ter vida própria, como um Frankenstein sonoro, capaz de desafiar os controles de Tom Zé e seus músicos. Tocando quase todas as faixas do novo álbum, o compositor e cantor baiano confirmou ser um *showman* completo, que sabe usar sua verve irônica e bem-humorada para conquistar a platéia. Até mesmo para ajudá-lo a cantar refrões recheados de palavrões, como os de *Moeda Falsa* ("Ô, cabrobó / eles vão tomar no fiofó").

Foi assim também com o impublicável refrão de *Chamegá*, outra invenção do compositor baiano, que lança um novo ritmo já acompanhado de uma espécie de dança, demonstrada com muita energia e graça por quatro casais de bailarinos. Trata-se, na verdade, de uma hilariante colagem de elementos de várias manifestações coreográficas populares brasileiras, como a umbigada, a lambada e o samba de gafieira, que se misturam a impagáveis tapas na região glútea e fungadas no pescoço.

Decidido a tirar o atraso das duas décadas em que viveu no ostracismo, Tom Zé não se contenta apenas em lançar ritmos e danças, ou em misturar formas e estilos musicais. Seu show ganha ares de *happening* visual e sonoro, quando as fagulhas elétricas dos esmeris produzem um hipnótico espetáculo de fogos de artifícios, que tem como trilha sonora os estranhos sons do hertzé, do buzínório, do enceroscópio e outros "instromzémentos". Entre a surpresa e o estranhamento, o que mais a platéia poderia esperar do mais tropicalista dos tropicalistas?

70